

CRISTIANIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: Martinho de Tours e a destruição de santuários pagãos na Gália no século IV

Edmar Checon de Freitas

Graduado em História pela UFES. Mestre e doutorando em História pela UFF

Já se tornou um lugar comum a afirmação de que o cristianismo, ao longo de sua história, passou de religião perseguida a perseguidora. As fogueiras que queimavam os hereges são talvez o símbolo mais emblemático do terror religioso imposto àqueles que não se enquadravam nos padrões da civilização cristã ocidental, tanto nos tempos medievais quanto na época moderna.

Na verdade, os mecanismos repressivos têm uma história mais longa dentro do mundo cristão. Analisaremos aqui alguns deles, em utilização na Gália de fins do século IV, quando o cristianismo ainda buscava sua afirmação dentro do Império Romano. Tomaremos como referência a atividade evangelizadora do monge e bispo Martinho de Tours (316-397), um dos principais responsáveis pela difusão da vida monástica no Ocidente. Martinho, além de sua fama de realizador de prodígios — curas, exorcismos, ressurreições — nos fornece vários exemplos de destruição sistemática de lugares de culto pagãos na Gália. Nosso propósito será investigar as funções de tais procedimentos repressivos no contexto geral da expansão cristã no mundo romano ocidental.

Martinho¹ nasceu em Sabaria², na Panônia, numa família pagã. Seu pai era um oficial do exército romano, tendo Martinho seguido essa mesma carreira. Serviu sob as ordens dos imperadores Constâncio e Juliano³. Convertido ao

1. Para os dados biográficos de Martinho consultamos as seguintes edições da *Vita martini* de Sulpício Severo: Sulpice SEVÈRE. *Vie de Saint Martin*. Tradução, introdução e comentários de Jacques Fontaine. Paris: Editions du Cerf, 1967-69. 3.v.; Sulpício SEVERO. *Obras completas*. Estudo preliminar, tradução e notas de Carmen Codoñer. Madrid: Tecnos, 1987. Veja-se também GOBRY, 1985b, p. 79-107.

2. Trata-se da atual Szombathely, na Hungria. Cf. FONTAINE, J. Op. cit., p. 431.

cristianismo, protagonizou um dos episódios mais retratados pela iconografia religiosa medieval e renascentista: em Amiens, ao ver um mendigo nu e sem ter outra veste para lhe dar, Martinho divide com a espada sua capa de soldado, assim vestindo o pobre⁴. Após o batismo pediu dispensa do serviço militar obtendo-a por volta de 356.⁵ Tornou-se então discípulo de Hilário de Poitiers, sendo por este introduzido no corpo clerical como exorcista.

Os anos imediatamente seguintes foram vividos em meio ao calor da questão ariana, a qual ressurgiu com força sob o governo de Constâncio. Esse imperador opunha-se ao credo de Nicéia, tendo perseguido os bispos do partido contrário. Entre esses contava-se o próprio Hilário, que acabou exilado. Martinho, então em sua primeira viagem missionária⁶, sofreu também os efeitos da perseguição, buscando refúgio em retiros monásticos, primeiramente em Milão, e depois estabelecendo ele próprio um na ilha de Galinara. Aí teria sobrevivido à ingestão de uma raiz venenosa.⁷ Após o retorno de Hilário do exílio, Martinho obteve de seu mestre autorização para fundar um monastério em Ligugé (360). Sulpício Severo, seu discípulo e biógrafo⁸, registra para essa época duas ressurreições de mortos operadas por Martinho.⁹

Em 372 Martinho foi escolhido bispo da diocese de Tours. Na cátedra episcopal manteve seu estilo rústico de monge. Não habitava contudo na cidade cuja Igreja governava. Nas proximidades de Tours, construiu o mosteiro

3. De 338 a 353 Constâncio disputou o trono com seus irmãos Constante e Constantino II. A partir daí foi imperador único. Em 355 nomeou Juliano, seu primo, como César. Este em 360 foi proclamado Augusto por suas tropas. Constâncio partiu para enfrentá-lo mas morreu a caminho (361), ficando o Império unicamente nas mãos de Juliano até sua morte em 363. Cf. JONES, 1986, v.1, p.112-124; PIGANIOL, André. *Historia de Roma*. 5. Ed. Buenos Aires: Eudeba, 1981, p. 433-437.

4. Sulpício Severo, *Vita Martini* 3, 1-2. Daqui por diante indicada simplesmente por VM. Citaremos sempre de acordo com a edição de Jacques Fontaine (vide nota 1 deste trabalho). Utilizamos também, para esta e outra obras de Severo, a edição de K. Halm, constante no *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*. Viena, 1866, v.1.

5. Esse pedido de dispensa teria motivado uma colérica resistência da parte do imperador Juliano, quase custando a vida de Martinho. Cf. VM 4.

6. VM 5,3. Essa primeira missão de Martinho destinava-se à conversão de seus pais.

7. Ibid. 6, 1-6

8. Sobre Sulpício Severo e suas relações com o monaquismo martiniano veja-se o capítulo 2 deste trabalho.

9. VM 7,1 – 8,3.

de Marmoutier. Ali vivia, exercendo além do papel de bispo o de abade. Feitos prodigiosos continuavam sendo atribuídos a ele. Curas numerosas, exorcismos, previsão do futuro, diálogos com anjos e demônios. Digno de nota é o fato de uma boa parte desses prodígios aparecer associada a momentos de luta contra o paganismo. Martinho destruía os ídolos dos camponeses pagãos, cortava suas árvores sagradas, derrubava seus templos e os substituída por igrejas e mostérios¹⁰, sendo numerosas as conversões nessas ocasiões.

Após a morte de Martinho em 397, seu culto espalhou-se pela Gália, graças principalmente à ação de seus sucessores na diocese de Tours, e aos monges seus discípulos. Alguns deles eram oriundos de nobres famílias locais, entre os quais o próprio Sulpício Severo. Este era grande amigo de Paulino de Nola e também egresso da aristocracia senatorial galo-romana. Em 395 Sulpício tornou-se monge, organizando um mosteiro em Primuliacum, próximo a Narbone. Pouco antes da morte de seu mestre, ele escreveu a *Vita Martini*, obra destinada a ser um dos modelos para a hagiografia medieval.

Olhemos agora mais de perto as ações de Martinho contra os cultos pagãos. Como bispo de Tours, ele deslocava-se com frequência nas terras sujeitas a sua jurisdição. Sulpício Severo o retrata então numa atitude francamente hostil frente ao paganismo e à superstição em geral. São relatados, na *Vita Martini*, os seguintes casos de ação destrutiva ou agressiva por parte de Martinho:

- Destruição do túmulo de um falso mártir (VM 11).
- Imobilização de um cortejo fúnebre pagão (VM 12).
- Destruição de um templo e corte de uma árvore sagrada (VM 13)
- Incêndio de um santuário pagão (VM 14,1-2).
- Destruição do templo de Lévroux (VM 14,3-7).
- Derrubada do templo dos Éduos (VM 15,1-2).
- Destruição de ídolos (VM 15,3-4).

Note-se que o primeiro dos episódios acima destacados ocorre dentro da comunidade cristã. Os demais relacionam-se ao meio pagão circunvizinho. No primeiro caso, Sulpício mostra o bispo de Tours, há pouco tempo exercendo suas funções, desmascarando o culto a um falso mártir. A população local venerava um túmulo nas proximidades do mosteiro de Martinho, convencida de que se tratava do corpo de um mártir que ali repousava. Um altar fora

10. VM 13,9.

construído sobre o mesmo. Martinho desconfia dessa crença, não conseguindo de ninguém informações seguras sobre o suposto mártir. Invoca, então, o morto, que confessa ter sido um ladrão, executado por seus atos criminosos. Martinho manda destruir o altar e encerrar o culto.¹¹

Nos restantes seis episódios, uma ação agressiva de Martinho é dirigida contra pagãos. Em três deles há uma referência explícita ao sucesso da missão: conversões em massa acontecem. Segue-se ao relato dos últimos episódios de destruição de ídolos esta significativa observação de Sulpício:

“Mas em geral, quando os camponeses procuravam com hostilidade dissuadi-lo de destruir seus santuários, sua santa pregação mitigava o ânimo dos pagãos que, iluminados pela luz da verdade, derrubavam eles próprios os seus templos.”¹²

Temos aqui a conjunção da pregação missionária com a ação coercitiva, agindo no sentido de produzir uma conversão maciça. Estamos assistindo assim a uma nova orientação no sentido da conversão ao cristianismo. Nas comunidades cristãs dos três primeiros séculos de nossa era, uma especial atenção era dada à instrução dos novos membros, os quais somente recebiam o batismo após um longo catecumenato. A comunidade cristã era um grupo especial, separado do mundo, vivendo a esperança do retorno próximo de Cristo e da consumação dos tempos. Mas no século IV as coisas já não se passam desse modo. Nas palavras de Peter Brown, “em vez de seita contrária ou à margem da civilização romana, os cristãos formam uma igreja capaz de absorver toda a sociedade”.¹³

Os esforços missionários nos tempos de Martinho dirigiam-se a grupos cada vez maiores. Os bispos já não ofereciam simplesmente aos pagãos a possibilidade da conversão: exigiam-na. A época da tolerância religiosa já havia passado. No governo de Teodósio (379-395) o paganismo foi

11. Episódio que lembra a invocação do espectro de Samuel por Saul, na tradição vétero-testamentária (1Sm 28,7-19). O número relativamente pequeno de mártires na Gália, se comparada com Espanha e Itália, por exemplo, seria uma das razões para a existência efetiva de tal prática. Cf. FONTAINE, J. Op. cit., p.691.

12. . *“Plerumque autem contra dicentibus sibi rusticis, ne eorum fana destrueret, ita praedicatione sancta gentiles animos mitigabat ut, luce eis ueritatis ostensa, ipsi sua templa subuerterent”* (VM 15,3).

13. BROWN, P. *O fim do mundo clássico*. Lisboa: Edições 70, 1972, p.88.

perseguido¹⁴, até ser colocado definitivamente na ilegalidade, com a oficialização do cristianismo como a religião do Império.¹⁵

É possível que as investidas de Martinho contra camponeses pagãos tenham sido favorecidas pela legislação imperial de então. Estudando a questão, Jacques Fontaine e Carmen Codoñer consideram possível que os ataques aos templos pagãos tenham sido realizados com apoio militar. Em apoio a essa tese, Fontaine registra uma passagem dos *Dialogi* de Sulpício Severo, na qual Martinho aparece empenhado na destruição de um santuário na aldeia de Amboise, tarefa que confia ao presbítero Marcelo, o qual, repreendido pela demora em fazê-lo, argumenta que nem a força dos soldados e das multidões seria suficiente para derrubar a construção.¹⁶

Não devemos, contudo, imaginar uma multidão inerte de pagãos assistindo sem passivamente à destruição de seus templos e ídolos. Em alguns casos sua reação foi bastante violenta, registrando-se episódios de agressão ao bispo¹⁷. A oposição mais forte parece ter ocorrido quando, numa aldeia não nomeada por Sulpício, Martinho destruiu um velho templo e se dispôs em seguida cortar um árvore sagrada. A reação da população foi imediata e Martinho viu-se desafiado a segurar a árvore na queda, como demonstração de seu poder. Segundo a versão de Sulpício Severo, uma vez aceito o desafio Martinho foi amarrado no lugar em que se supunha cairia a árvore. Mas, quando o fim era iminente, o santo conseguiu fazê-la cair do lado oposto, mediante o sinal da cruz. Seguiram-se numerosas conversões.¹⁸

Podemos vislumbrar assim um quadro de verdadeiro confronto entre as forças do bispo e a população pagã, quando da destruição de seus santuários. O emprego da força militar garantiria o sucesso da ação. Esta poderia ser uma

14. Sobre a perseguição ao paganismo em geral veja-se MACMULLEN, R. *Christianity and paganism in the fourth to the eighth centuries*. New Haven: Yale University Press, 1997, cap. 1.

15. MOMIGLIANO, Arnaldo. El cristianismo y la decadencia del Imperio Romano, p.24. In: *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madrid: Alianza, 1989, p.15-30.

16. Cf. nota de C. Codoñer em VM 13,2 e FONTAINE, J. Op. cit., p.743-744.: “*ille [Marcelo] causatus uix militari manu et ui publicae multitudinis tantam molem posse subuerti, nedum ido facile putaret per imbecillos clericos aut infirmos monachos quiuuisse curari.*” (*Dial.III 8,4*).

17. VM 15,3-4. Note-se que em ambos os casos uma intervenção sobrenatural salva Martinho, derrubando seus agressores ou subtraindo-lhes as armas.

18. VM 13.

explicação para a «parálisia» dos camponeses diante da derrubada de seus santuários, conforme ocorre em VM 13,2 e 14,7. No primeiro caso, pouco antes de derrubar a árvore sagrada dos camponeses galos, Martinho destruíra seu templo, estando eles “quietos por ordem do senhor”¹⁹. No outro episódio, ocorrido na vila de Levroux, Martinho recebe o apoio de uma milícia celeste para destruir um santuário, a qual era visível somente para si. A reação dos camponeses é semelhante à do episódio anterior:

“Vendo isso os camponeses, quando se deram conta de que não tinham se oposto ao bispo porque haviam sido tomados de estupor e pânico por vontade de Deus, quase todos creram no Senhor Jesus, aclamando e confessando publicamente que o Deus de Martinho devia ser adorado e destruídos aqueles ídolos que não podiam ajudar-se a si mesmos.”²⁰

Não é de causar espanto, portanto, o relato de conversões em massa na *Vita Martini*. Elas faziam parte de um novo ciclo de expansão cristã, no qual não mais se buscava a formação de comunidades solidárias, aguardando ansiosas o retorno de Cristo, mas sim a consolidação de um rebanho fiel ao seu pastor, o bispo. A questão era como assegurar tal fidelidade. O uso da força certamente contribuía para a consecução de tal objetivo, mas seu alcance era limitado. A própria experiência cristã demonstrava que a perseguição violenta nem sempre era suficiente para garantir o abandono de determinadas crenças. Mecanismos mais sutis teriam que entrar em ação.

A ação missionária de Martinho nos fornece exemplos de tais mecanismos. De fato, Sulpício Severo o caracteriza como um evangelizador agressivo, no sentido literal do termo. Mas seu sucesso ancorava-se em outras bases. Como vimos alguns parágrafos acima, a *Vita Martini* afirma textualmente que antes de Martinho o cristianismo tinha pouca penetração naquelas regiões. Mas segue-se a esta uma outra informação reveladora:

“Mas os milagres e o exemplo de Martinho lhe deram [ao cristianismo] tanta força que já não há ali nenhum lugar que não esteja cheio de abundantes

19. “... imperante Domino quieuisent” (VM 13,2).

20. “Quo uiso, rustici, cum se intellexerent diuino nutu obstupefactos adque perterritos ne episcopo repugnant, omnes fere Iesum Dominum crediderunt, clamantes palam et confitentes Deum martini colendum, idola autem negligenda, quae sibi adesse non possent” (VM 14,7).

igrejas ou mosteiros. Pois onde destruíam os santuários, imediatamente construía ali igrejas ou mosteiros.”²¹

As conversões e a manutenção da fidelidade à nova crença dependiam, ao menos no caso de Martinho, de um cuidadoso trabalho pastoral, apoiado por demonstrações periódicas de poderes excepcionais, que mantinham os fiéis numa atitude de respeitoso temor para com seu bispo. Se uma boa pregação podia convencer os camponeses a derrubarem seus santuários, havia que recorrer a outros meios para garantir que não retornassem aos antigos cultos.

A substituição dos templos e lugares sagrados pagãos por edifícios cristãos ³/₄ prática destinada a uma longa carreira na história da expansão cristã mundo afora ³/₄ revela uma preocupação com a fixação do novo culto no seio das comunidades recém-convertidas. Pois seria em tais locais que os novos cristãos viriam receber bênçãos, batizar os filhos, celebrar casamentos, pedir asilo, velar defuntos e ouvir a instrução dos pregadores. À ação destrutiva de Martinho seguia-se uma tentativa de reordenar vida da comunidade, tendo agora como centro referencial o culto e o templo cristãos.

Mas, note-se bem, não se tratava de uma mera construção de novos templos. Estamos falando, é conveniente insistir, na *substituição* deliberada de centros de culto pagãos por igrejas e mosteiros cristãos. Os habitantes dos campos e aldeias das terras batidas por Martinho podiam continuar freqüentando os mesmos espaços que freqüentavam antes da conversão. Mudava a divindade adorada, mudavam os ritos e os oficiantes, mas a relação do indivíduo com aquele lugar — que há muito era para ele um meio de ligação com o divino — poderia ser mantida.

Gregório de Tours, escrevendo cerca de duzentos anos após a morte de Martinho, relata a construção de uma igreja dedicada a Santo Hilário de Poitiers no território de Javols. O bispo que empreende a obra escolhe como local as margens de um lago onde ocorriam festivais pagãos, atraindo muitos deles para a religião cristã.²² O papa Gregório Magno (590-604) foi além,

21. “*Quod adeo uirtutibus illius exemploque conualuit, ut iam ibi nullus locus sit qui non aut ecclesiis frequentissimis aut monasteriis sit repletus. Nam ubi fana destruxerat, statim ibi aut ecclesias aut monasteria construebat*” (VM 13,9).

22. Gregório de Tours, *Glória dos confesores*, citado por FLETCHER, E. *The barbarian conversion*. New York: Henri Holt, 1998, p.49.

recomendendo aos missionários por ele enviados à Inglaterra, que não destruíssem os templos, mas somente os ídolos, purificando e consagrando aqueles ao culto cristão. Assim o povo pagão poderia mais facilmente aproximar-se da fé cristã. O mesmo aplicava-se aos festivais pagãos, nos quais se sacrificava muito gado. Gregório sugeria que se permitisse ao povo abater animais e realizar banquetes festivos, por ocasião das festas dos mártires.²³

A substituição de santuários era na verdade uma investida num processo de assimilação religiosa. A manutenção das referências espaciais para as atividades religiosas abria espaço para um período de transição dentro das comunidades de conversos, no qual poderiam ser aliviadas as tensões geradas pelo impacto da cristianização. Mas seria ingênuo esperar uma progressiva e certa passagem do paganismo ao cristianismo em tais comunidades, com os pagãos gradativamente «esquecendo» suas antigas crenças e adotando integralmente a nova fé, graças ao hábito adquirido de frequentar templos cristãos. Situações desse tipo resultam numa atividade interativa, produzindo uma realidade religiosa que guarda marcas de suas distintas origens, não se confundindo porém com nenhuma delas.²⁴ De qualquer modo, a atividade pastoral de Martinho de Tours aparece estreitamente vinculada a um mecanismo de interação entre os universos religiosos pagão e cristão.

A tática repressiva era complementada também pela atividade taumatúrgica de Martinho. Já em vida ele era tido como realizador de inúmeros prodígios, inclusive ressurreições. No lugar de seus santuários, onde tradicionalmente o povo da Gália buscava a cura para seus males, encontravam-se agora igrejas e monastérios, ostentando os poderes miraculosos dos santos, cuja tumba ou relíquias eram ali venerados. Transferia-se para o santo cristão, mártir ou confessor, o poder curativo antes atribuído ao santuário pagão.²⁵ Após sua morte, o culto de Martinho obteve significativos progressos na Gália,

23. Beda, o Venerável. *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*. Edição de J. E. King. London: Harvard University Press, 1994, p.163

24. Sobre esse processo são fundamentais os trabalhos de JOLLY, K. L. . *Popular religion in Late Saxon England*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996; RUSSEL, James C. *The germanization of Early Medieval Christianity*. New York: Oxford University Press, 1994; MACMULLEN, R. Op. cit.

25. Veja-se a esse respeito: ROUSSELLE, A. Du sanctuaire au taumaturge: la guérison en Gaule au IV^e siècle. *Annales. Économies – Sociétés – Civilisations*. Paris: ano 31, n.6, nov.-dez. 1976, p.1085-1107.

tendo Tours se transformado, ao longo dos séculos V e VI num dos principais centros de peregrinação da região, lugar onde a tumba do santo poderia operar os mais diversos milagres.²⁶

Martinho viveu num tempo em que a tolerância religiosa estava saindo de cena. O século IV foi decisivo para a história cristã. Seus primeiros anos não foram nada promissores para os seguidores da religião de Cristo, que enfrentaram uma das mais violentas perseguições movidas pela autoridade imperial. A situação mudou a partir de 312, quando Constantino, então em luta pelo poder em Roma, converte-se ao cristianismo, concedendo pouco tempo depois plena liberdade de culto aos cristãos e devolvendo à Igreja os bens confiscados. Em 392, o imperador Teodósio coloca na ilegalidade todos os cultos pagãos, tornando-se definitivamente o cristianismo a única religião lícita do Império.²⁷ A tolerância que marcara boa parte do século, desaparecera.

Assim vemos Firmicus Maternus pregar em 346 a aniquilação da idolatria e a destruição de templos.²⁸ Em 388, uma sinagoga foi incendiada por monges em Calinicum e, em 391, é a vez do Serapeum de Alexandria.²⁹ A violência, mistura de fanatismo monástico e política religiosa imperial, continuaria. Em 415, Hypatia, filósofa e uma das mulheres mais admiradas na Alexandria de seu tempo, é linchada por uma turba de fanáticos, para desgosto do bispo Sinésio de Cirene, seu amigo e discípulo.³⁰

O exemplo de Sinésio mostra que nem sempre o pensamento eclesiástico caminhava na direção dos procedimentos violentos e repressivos. Martinho de Tours também veio a assustar-se com o alcance que tais medidas podiam

26. Gregório de Tours (530-594) foi um dos principais promotores do culto martiniano na Gália merovíngia, como retratam seus escritos, principalmente os *Decem librum historiarum* (História dos Francos) e os quatro livros *De miraculi sancti martini*. Cf. GREGGORIUS TURONENSIS. *Opera omnia*. Edição de J. P. Migne. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1867; VAN DAM, R. *Saints and their miracles in Late Antique Gaul*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

27. MOMIGLIANO, A. Op. cit., p.15-30.

28. MACMULLEN, R. Op. cit., p.13-14.

29. BROWN, P. *O fim do mundo clássico*. Lisboa: verbo, 1972, p.221.

30. MACMULLEN, R. Op. cit., p.15. Veja-se também: MARROU, H. Sinesio de Cirene y el neoplatonismo alejandrino. In: MOMIGLIANO, A. *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madrid: Alianza, 1989, p.145-170.

assumir. Quando da perseguição à heresia priscilianista, na Espanha e na Gália, ele intercedeu junto ao imperador Máximo em benefício dos acusados. Considerava ele que se tratava de uma questão interna à Igreja, não cabendo à autoridade secular a punição dos hereges. mas Prisciliano e seus seguidores foram executados por ordem do imperador, para horror de Martinho e de Sulpício Severo. O limite havia sido ultrapassado. O apoio do braço secular trouxe para o interior da Igreja o horror da repressão violenta à dissidência religiosa. A Igreja teria de conviver por muito tempo com a ambigüidade entre o anúncio da mensagem de amor do Evangelho e os ferros e fogueiras a fazer mártires que não eram seus.

• • •